

# SAMORA MACHEL: um relâmpago no céu

Fernando Ganhão

Em Março de 1963, rumo ao mesmo destino, o porto de Dar es Salaam, dois homens partem por tempo indeterminado de suas casas para virem a ser os protagonistas duma epopeia que, em cerca de dez anos, vai libertar um país das grilhetas do colonialismo. Quase dia por dia, nos inícios de Março, tomam essa decisão que foi longamente ponderada. Um, Eduardo Mondlane, depois de ter sido o impulsionador da formação duma frente larga de combate contra o colonialismo português em Moçambique, depois de ter, nos fóruns mundiais, defendido e divulgado a causa da FRELIMO, criada em 25 de Junho de 1962, vai regressar definitivamente a Africa abandonando a sua carreira universitária, trazendo consigo a sua família e instalando-se para tomar as rédeas da organização. O outro, Samora Machel, enfermeiro do Hospital Central de Maputo vai, quase *in extremis*, escapar às masmorras da polícia política portuguesa que o perseguia de longa data. Os dois homens já se conheciam, embora os separasse a idade e os percursos de vida. Com efeito, em 1961, Mondlane, depois de longa ausência, vai visitar Moçambique e os dois homens encontram-se.

Mondlane, disse-o mais tarde, não vai esquecer a sagacidade das questões que lhe eram colocadas por um jovem impetuoso cujos olhos ardentes confirmavam a paixão das suas palavras e das suas inquietações. Mondlane encontrava-se numa situação difícil. Era um alvo natural das polícias coloniais que o seguiam por toda a parte e infiltravam seus agentes em todos os seus encontros. À expectativa que se criava nos seus interlocutores, nem sempre podia responder com frontalidade e com sinceridade que o seu pensamento exigia mas, apesar desse menos, Mondlane deixou uma impressão muito profunda no jovem enfermeiro que, nesse momento, seguia com sofreguidão o processo de descolonização em Africa, procurando nas poucas fontes de informação fidedignas os relatos desse processo, dos seus mentores e dos seus heróis. Esta coincidência temporal não deixa de ser sintomática da atitude de milhares de jovens moçambicanos que, a partir da fundação da FRELIMO, começam a afluir à Tanzânia para integrar a frente. Uns irão estudar; com efeito, a palavra *bolsa de estudo* era a mágica que movia muitos deles ansiosos em encontrar uma solução para as suas vidas. Mondlane era a fonte providencial de bolsas de estudo, através dos seus contactos múltiplos nos Estados Unidos com Universidades e Igrejas. Quase duas centenas desses estudantes foram para os Estados Unidos e irão constituir uma das grandes desilusões e mágoas de Mondlane ao recusarem-se, na sua grossa maioria, nos meados dos anos 60, a reintegrar o campo da luta de libertação. Outros moçambicanos vinham com uma maior abertura para realizar outras tarefas, vinham colocar-se ao serviço da revolução; Samora Machel será destes. Quando chega a Dar es Salaam sabia já exactamente o que queria fazer, a luta armada de libertação. Como terá um jovem moçambicano, vivendo no período colonial, adquirido essa consciência política da inevitabilidade da violência revolucionária para acabar com o colonialismo? Tentemos seguir o homem na sua trajetória de vida.

Samora Machel, nascido em Gaza, nas planícies férteis do vale do Limpopo, em 29 de Setembro de 1933, era o terceiro filho duma família de agricultores abastados. Na região onde nasceu foi edificado pelo colonialismo português um dos maiores colonatos de fixação de colonos agricultores e os confrontos permanentes pela expropriação das terras de seu pai e as outras inúmeras formas de opressão serão parte constante da vida do adolescente Samora. Como todas as crianças africanas, cedo começou a tomar parte na divisão de tarefas, a de pastar gado. Numa das vezes que com ele fui a Xilembene, fizemos uma longa digressão pelos locais da sua infância. Mostrou-me a famosa árvore secular onde repousava e observava o gado contando ou ouvindo contar as histórias ali passadas pelos seus antepassados nas campanhas de Maguiguana. De todos os heróis dessa saga da resistência, era com ele que mais se identificava e sabia de cor todos os pormenores da sua vida militar, usando-os amiúde nas suas intervenções. Fomos também visitar a escola onde estudou as três primeiras classes permitidas do ensino oficial português leccionadas

por missionários católicos. Com uma mal retida emoção, narrou a sua vida naquela escola nas margens do Limpopo, das humilhações a que era sujeito pelo facto da sua família ser protestante, das subserviências em forma de trabalho obrigatório a que eram submetidos os alunos e da obrigação em se baptizar para poder fazer exame da quarta classe. Mais tarde vai ter que, para poder aceder à profissão de enfermeiro, assimilar-se. Estas duas formas tão violentas de alienação vão produzir no espírito de Samora a rebeldia que o vai acompanhar nos seus anos de jovem em Lourenço Marques. Com efeito, para lá parte em 1952, para frequentar a escola de enfermagem. Nos tempos coloniais, era uma das poucas profissões em que se aceitavam negros e em que era possível atingir um razoável nível de vida, comparado com os outros. Como lhe nasceu essa ideia, nunca referiu nos nossos encontros de cavaqueira, mas deve ter a ver com o facto de, nessa altura, o seu pai se encontrar em dificuldades devido à construção do regadio do Limpopo por cima das suas terras e expulsando-o para terras arenosas e pouco férteis. Um terceiro filho teria poucas possibilidades de sucesso. Em Lourenço Marques os horizontes do jovem Machel vão abrir-se e pouco a pouco em grupos de colegas e amigos as grandes questões sobre o colonialismo vão, inevitavelmente, surgir. Samora referia-se frequentemente ao tempo passado no curso, às longas discussões no dormitório, aos seus primeiros heróis que representavam pela ascensão social que alcançaram os seus primeiros ídolos, os pugilistas americanos. Mas também os primeiros políticos africanos como Nkrumah e Nasser que, nesses anos, começavam a surgir nos jornais e cujos feitos acompanhava com muita atenção. Falou-me repetidas vezes da escola de leitura que era compreender os acontecimentos de Suez através da imprensa colonial dominada pela censura e pelo alinhamento. Passava muito do seu tempo ouvindo a rádio e, gradualmente, foi começando a conhecer o mundo. A sua consciência política vai-se formando também nos inevitáveis confrontos com a discriminação racial e social no seio do hospital onde cursava.

Em 1956, ao terminar o seu curso, vai ser colocado no posto de enfermagem da Ilha da Inhaca, a pequena distância da capital. Ali vai exercer a sua profissão e conhecer a sua primeira esposa. Ali também lhe nascem os seus dois primeiros filhos. É o período relativamente estável na vida de Samora, com vindas frequentes a Lourenço Marques, onde contacta os amigos e começa a delinear as próximas etapas da sua vida profissional. De facto, regressa a Lourenço Marques em 1958, pois pretendia fazer o curso de enfermagem que era frequentado pelos colonos e precisava de concluir o primeiro ciclo do ensino secundário que vai preparar em aulas nocturnas de explicações. Nesta etapa da sua vida a actividade política clandestina vai ocupar grande parte do seu tempo e da sua atenção. Começa o processo de descolonização da Africa, todos os dias os jornais têm que reproduzir notícias relativas a esse facto. Começa a frequentar as associações da capital, segue com atenção a operação cosmética da transformação das colónias portuguesas em províncias ultramarinas e todo o envolvimento de Portugal na ONU pela defesa das suas possessões. O discurso colonial é dissecado rigorosamente e comparado com as declarações dos líderes africanos já independentes ou em vias de independência como Kaunda, Nyerere, Banda.

Em 1960, a independência do Congo e o subsequente assassinato de Lumumba perante a inacção e conivência passiva do destacamento da ONU, vão marcar profundamente o jovem Machel. Em 1961, *annus minabilis* para o colonialismo português, o início da luta armada em Angola dirigida pelo MPLA e a sublevação de Março dirigida pela UPA com as atrocidades que a acompanharam, a reocupação de Goa, Damão e Diu pela Índia, vai levar ao paroxismo a propaganda portuguesa e ao endurecimento da repressão pelas polícias coloniais. Samora está atento e, nos grupos clandestinos, debatem estes acontecimentos e começa--se a sentir que o medo se apodera das mentalidades coloniais com o recrudescimento do racismo e das humilhações e insultos. As consciências de muitos jovens moçambicanos começam a constituir uma força de pressão de opinião que se manifesta em diversas formas de rebeldia. Samora é um deles; cada vez menos está disposto a aceitar humilhações, os insultos e as injustiças e reage conforme, o que lhe vai valer muitos processos disciplinares e uma reputação de rebelde que vai cair directa nos ficheiros da Pide, recém implantada na colónia. Mas, a principal bomba do ano 1961, vai ser a visita de Eduardo Mondlane a Moçambique. Chega no clima de tensão e efervescência que dominava as mentalidades tanto dos colonos como dos colonizados. O estado de graça do colonialismo português tinha chegado ao fim. A sua visita vai tentar ser aproveitada pela máquina de propaganda colonial que o vai seguir por toda a parte onde fosse. Vão ser necessárias muitas cautelas e subterfúgios para escapar às armadilhas que lhe faziam as autoridades coloniais. Vai encontrar-se com muita gente, principalmente jovens que viam nele um modelo de resistência à

política de obscurantismo do colonialismo. Samora Machel vai participar em muitas dessas reuniões e vai guardar delas lembranças, motivações que vão fortalecer as suas convicções. Obviamente, Mondlane não podia ser totalmente aberto nas suas intervenções, sobretudo sobre o tema de independência, tabu para o colonialismo português. Mas sabia contornar as questões e nas respostas deixava sempre abertas portas para dúvidas, fáceis de abrir. No ambiente dos protomilitantes de Lourenço Marques e Gaza, a euforia vai ser grande. Toda a História parecia estar orquestrada, encadeando-se os acontecimentos e pressentindo-se próximo o tempo em que Moçambique entraria também nesse labirinto que levaria a qualquer coisa, que se não podia ainda saber qual, mas que colocaria Moçambique ao lado dos outros países da África independente. Esta convicção vai enraizar-se na mente do jovem Machel e, a partir da visita de Mondlane, sabia que uma nova etapa se abria na sua vida. O amadurecimento das suas ideias pró-independentistas vai acontecer nos dois anos subsequentes. Torna-se mais ponderado, mais atento aos perigos, começa incipientemente a formar uma rede clandestina de militantes onde não se discute apenas mas se realizam pequenas acções de perturbação da ordem que o colonialismo impunha nos subúrbios da cidade, onde aliás vivia. E, quando surge em 1962, a notícia da criação dum Frente de Libertação de Moçambique, liderada por Mondlane, Samora sabe já qual será o seu próximo passo: integrar a Frente. No entanto, a Pide continuava atenta aos movimentos do jovem rebelde e vai ser preciso enganá-los. Começa então a construção dum casa no Xipamanine, como forma de fazer crer na sua fixação nos subúrbios.

A 4 de Março, sob ameaça de prisão, decide-se a partir. Sai pela Suazilândia e, dali, para o Botswana. Vai conhecer o sentido da palavra solidariedade ao ser recebido por uma família tswana que o acolheu e que ele, mais tarde, vai acolher em Maputo depois da independência. Vai conhecer militantes do ANC e será sob mediação de Joe Slovo que vai arranjar lugar num avião que partia com *freedom-fighters* a caminho de Dar es Salaam. Chegara, enfim, ao almejado objectivo depois de tantos sonhos e de tantas tarefas árduas. Vai ficar instalado numa casa em que se encontravam já outros recrutas e, pela primeira vez, vai contactar com moçambicanos de outras etnias, vindos de regiões que não conhecia e falando diferentes línguas. Surpreendentemente, a empatia vai ser imediata e o jovem changane vai impressionar positivamente pela acuidade das suas análises e pela extraordinária capacidade que logo demonstrou em cativar o ouvinte com o seu discurso harmonioso e rico em metáforas, pela lucidez e pela visão nacional. Esta vai ser a tónica dominante das suas intervenções: ultrapassar a tribo e ver os problemas da libertação à escala global de todo o Moçambique. Conseguira, nos seus confrontos com as autoridades coloniais, compreender que a mesma opressão imposta pelo mesmo inimigo a diferentes povos os unia irremediavelmente numa identidade que era fácil de organizar. Tinha essa profunda convicção e vai com os outros discuti-la até aos limites da razão. Cedo se torna um líder e, quando foi recebido pela direcção máxima da FRELIMO, com Mondlane presidindo, não teve dúvida em responder à questão do que queria fazer, o programa militar, disse sem hesitação. Parece que tudo o predestinava a essa carreira; o seu sentido do rigor e da disciplina, o seu culto pela educação física, a sua inclinação pelo espanto das paradas e das fardas e, sobretudo, a convicção que nutria de que a libertação tinha que assumir formas de violência revolucionária. Não sei se nessa altura teria já lido Fanon, mas no seu pensamento existiam já resquícios do que viria a ser a sua teoria. Nesses debates, o tempo vai correr célere. Preparava-se para os meados do ano o envio do segundo grupo de militantes que iam para a Argélia fazer um treino militar, preparação para a guerra de guerrilha que estava no programa da FRELIMO desencadear. Tudo se rodeava do sigilo necessário a que a notícia não caísse nas mãos dos agentes dos portugueses. Nessa altura, de entre os colonizados de Portugal, o não se fazer a luta armada aparecia como um pecado indigno e eram muitas as bocas sobre Mondlane e o seu pretenso pendor pró-ocidental o que o obrigou a engolir imensos sapos, ao ter que fazer declarações apaziguadoras de solução do problema por via de negociações.

Nos finais de 62, o agente Milas tinha provocado imensos estragos ao tentar controlar o processo de escolha dos elementos do primeiro grupo, o que desencadeou uma série de expulsões do Tanganyka de elementos da FRELIMO ligados a esse projecto. Era, portanto, imperioso o secretismo de que se rodeou toda a operação.